A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIZAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

FLÁVIO PEREIRA FERREIRA

RESUMO

É prática comum, nas escolas e nas creches, principalmente nos anos iniciais, ouvir músicas na entrada e na saída do período escolar, assim como nos momentos de festividades, que obedecem ao calendário. O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância da música como ferramenta pedagógica e a sua contribuição para uma aprendizagem mais efetiva e prazerosa por parte dos alunos, partindo de pesquisas bibliográficas sobre o assunto em pauta bem como da observação da prática assistida em sala de aula enquanto aluna. A grande massa de pesquisas e documentação disponíveis graças às contribuições de antropólogos, historiadores da educação e musicólogos, deixa bem claro que a música faz parte da aprendizagem e do ensino desde tempos imemoriais. Baseado nessas pesquisas e no que vivenciamos em sala de aula, verificamos que a música tem uma função mais que especial no ensino-aprendizagem e que a educação geral do indivíduo estará incompleta se a música não constituir uma parte dela, pois a mesma possibilita uma visão diferenciada do mundo, auxiliando o educando a alargar o pensamento, a concretizar os sentimentos e ampliar as habilidades. Diante do exposto, conclui que a música quando trabalhada desde cedo no contexto escolar é capaz de ajudar de maneira lúdica o aprendizado e o trabalho em equipe, pois a mesma tem o poder de estimular diversas áreas do conhecimento e atende a diferentes aspectos do desenvolvimento humano, tais como o físico, mental, social, emocional e espiritual, contribuindo como agente facilitador no processo educacional do aluno.

Palavras-chave: Música. Ferramenta pedagógica. Aprendizagem. Desenvolvimento humano. Educando.

SUMMARY

It is common practice in schools and daycare centers, especially in the early years, to listen to music at the entrance and exit of the school period, as well as during festivities, which follow the calendar. This article aims to present the importance of music as a pedagogical tool and its contribution to more effective and enjoyable learning for students, based on bibliographical research on the subject in question as well as observation of assisted practice in the classroom. as a student. The large body of research and documentation available thanks to the contributions of anthropologists, educational historians and musicologists makes it clear that music has been part of learning and teaching since time immemorial. Based on this research and what we experience in the classroom, we found that music has a more than special role in teaching-learning and that the individual's general education will be incomplete if music does not form part of it, as it enables a vision differentiated from the world, helping students to broaden their thinking, realize their feelings and expand their skills. In view of the above, it concludes that music, when used from an early age in the school context, is capable of helping learning and teamwork in a playful way, as it has the power to stimulate different areas of knowledge and serves different aspects of human development. ,such as physical, mental, social, emotional and spiritual, contributing as a facilitating agent in the student's educational process.

Keywords: Music. Pedagogical tool. Learning. Human development. Teaching.

1.INTRODUÇÃO

É prática comum, nas escolas e nas creches, principalmente nos anos iniciais, ouvir músicas na entrada e na saída do período escolar, assim como nos momentos de festividades, que obedecem ao calendário. Porém, embora a música esteja presente no cotidiano da escola ou da creche é preciso explicar um pouco sobre a sua importância na vida dos nossos discentes e docentes.

A música possui um papel importante na educação das crianças. Ela contribui para o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico, além de ser um recurso facilitador na aprendizagem (Bréscia, 2003). A musicalização é um processo de construção do conhecimento, favorecendo a sensibilidade, a criatividade, a noção rítmica, o prazer pela audição musical, além de desenvolver a imaginação, a concentração, estimulando o respeito ao próximo, a socialização e a afetividade. A música contribui, enfim, para uma efetiva consciência corporal. A musicalização na Educação Infan-

til relaciona-se a uma motivação diferente do ensinar, pois favorece a autoestima das crianças, sendo uma grande aliada para a sua saúde emocional.

Desse modo, acredito ser importante explicarmos a respeito de como a música foi introduzida na história do ensino infantil e sobre a sua importância nesse período para o indivíduo. Falaremos, assim, um pouco do nosso projeto dentro da nossa creche e de como ocorre esse desenvolvimento e quais são as suas principais consequências.

A música vem desempenhando importante papel no desenvolvimento do ser humano, no aspecto religioso, moral e social, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício da cidadania.

A palavra música vem do grego mousike e designava, juntamente com a poesia e a dança, a "arte das musas". O ritmo, denominado comum nas três artes, fundia-as numa só. Como nas demais civilizações antigas, os gregos atribuíam aos deuses a sua musicalidade, definida como uma criação ou expressão integral dos espíritos, um meio de alcançar a perfeição (GAINZA, 1988)

Ao longo dos tempos, a música foi introduzida na educação dos gregos, como uma forma de elevar a cultura musical, associando-a ao conhecimento dos indivíduos. Com a invasão do Império Romano no mundo grego, esse quadro se altera, pois a "sensibilidade", típica do cidadão grego, não condizia com a dureza dos soldados romanos. Somente com a incursão do "helenismo" na cultura romana, a cultura musical foi mais valorizada.

Na Idade Média, a Igreja Católica demonstrou grande interesse pela música incluindo-a nos cultos cristãos, pois acreditava que ela exercia forte influência sobre os homens. Assim, houve necessidade de que a disciplina Música fosse implantada na grade curricular das primeiras universidades, surgidas na Idade Média. Com o iluminismo, movimento intelectual que proporcionou outro olhar sobre as artes, a música foi valorizada dentro e fora das escolas, por toda a Europa medieval.

O ensino da Música, no Brasil, remonta aos primórdios do processo de colonização, iniciando-se com a vinda dos jesuítas. Essa ordem religiosa surge na Europa, em meio às lutas religiosas deflagradas pela Reforma Protestante. Em 1549, as primeiras escolas, com música, foram abertas e, por dois séculos, os inacianos detiveram o sistema educacional vigente nas colônias. Com a presença da corte portuguesa no Brasil, houve um significativo desenvolvimento do processo de modernização da música, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, sede do governo real. Nesse quadro, surgiram as primeiras instituições especializadas em ensinar com atividade musical (GAINZA, 1988).

O século XIX foi marcado por mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas, culminando com a Proclamação da República, o que dá início a nova expansão das artes, marcada ainda mais pela influência europeia. Já no século XX, o ensino da Música é intensificado nas universidades e nas escolas públicas, como disciplina, a princípio, não obrigatória. Hoje, a Arte consta como disciplina obrigatória de todos os currículos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O presente artigo irá passar por um mapa musical com as principais manifestações musicais de cada região do Brasil bem como a importância da diversidade musical no contexto escolar.

2.UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A MÚSICA NA EDUCAÇÃO DO BRASIL

De acordo com o pensamento do musicólogo inglês Henry Raynor, a música, assim como outras formas artísticas, é capaz de contribuir de forma positiva na educação ao longo dos tempos nos mais variados momentos, sempre com finalidades específicas, refletindo diferentes concepções de mundo, além de contribuir para o desenvolvimento da inteligência e integração do ser. Segundo Raynor (1986, p. 14, 23), a música, a menos que não passe de rabiscos casuais em sons, tem o seu lugar na história geral das ideias, pois sendo, de algum modo, intelectual e expressiva, é influenciada pelo que se faz no mundo, pelas crenças políticas e religiosas, pelos hábitos e costumes ou pela decadência deles; tem sua influência, talvez velada e sutil, no desenvolvimento das ideias fora da música. A música não pode existir isoladamente do curso normal da história e da evolução da vida social, pois a arte em parte surge [...] da vida que seu criador leva e dos pensamentos que tem. Existe para ser executada e ouvida, e não como sons da cabeça do criador ou como símbolos escritos ou impressos no papel, mas como som concreto produzido por e para quem deseje obter satisfação daquilo que o compositor lhes oferece.

Do mesmo modo, Bréscia (2003) é enfático ao defender que a música está presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais do indivíduo desde os tempos mais antigos. Com isso, a percepção histórica dos movimentos musicais nos espaços educativos do Brasil é, sem dúvida, um convite para que frutifiquem ideias inovadoras no campo do ensino e se busquem novas metodologias.

O professor de música e escritor Sér-

gio Luiz Ferreira de Figueiredo (2011) salienta que, ao longo da história da educação brasileira, podemos enumerar muitos entraves ao voltarmos nosso olhar com interesse e seriedade a um assunto tão rotineiramente superficialidade como a utilização da música nos espaços destinados ao ensino regular. Nesse cenário, podemos afirmar que existem muitos problemas enfrentados pela área de Educação Musical em nosso país. Dentre eles, consideramos como os de maior relevância a falta de sistematização do ensino de Música nas escolas de Ensino Fundamental e o desconhecimento do valor da Educação Musical como disciplina integrante do currículo escolar. Dessa forma, é imprescindível conhecermos o passado do ensino de Música no Brasil, a fim de compreender de modo nítido a situação em que ele se desenvolveu.

Em cada momento do processo de educação brasileira se concebeu uma proposta para a Música na escola, estabelecendo valores e conceitos que se completam ou se contrapõem. Assim, conceitos que ainda sobrevivem até hoje são, de certa forma, resultado de práticas educacionais anteriores que consolidaram formas de pensar e agir sobre o currículo escolar (Figueiredo, 2011, p. 6).

Fonterrada (2005), no seu artigo Desenredando a trama da música na escola brasileira, afirma que os primeiros sinais de presença da arte musical em processos educativos no Brasil ocorreram com a chegada das primeiras missões dos jesuítas. Esses missionários, dispostos a conquistar novos servos para Deus, encontraram na arte um meio de persuadir os indígenas. A música produzida nessa época era utilizada no processo de catequese no qual as letras com teor evangelístico contribuíam na formação religiosa do educando. Embora fossem realizadas apresentações de diversos instrumentos e letras de cantos desconhecidas para os indígenas, não havia ali nenhuma intenção educativa para com eles e sim uma estratégia para espalhar a fé dos padres para os demais índios em suas aldeias. Essa metodologia de educação musical funcionava ligada à religião e com conteúdo que tinham ordem crescente de dificuldade e utilização da repetição e memorização para efetivar o aprendizado, estendendo-se durante todo o período colonial.

Com a vinda da família real ao Brasil, no ano de 1808, houve uma mudança no panorama, pois a música começou a estender-se para os teatros, ao invés de ficar exclusivamente sob tutela da Igreja; porém, quanto ao ensino de Música, não há indícios de grandes alterações metodológicas em relação ao período anterior, uma vez que esses ensinamentos se mantinham presos a métodos progressivos com grande destaque à memorização.

Embora presente desde o descobrimento, a educação musical foi inserida no currículo escolar brasileiro, nas instituições educacionais públicas, pela primeira vez com o Decreto Federal nº 331A, de 17 de novembro de 1854, que determinava o aprendizado básico de noções de música e exercícios de canto (Cáricol, 2014). A partir desse período, nota-se que o ensino de Música sofreu avanços, desafios e retrocessos com a implantação de novos decretos, principalmente nas então províncias de São Paulo e Rio de Janeiro no século XIX.

Ao analisarmos a realidade da sociedade brasileira, oriunda de complexos intercâmbios étnico-culturais, tendo sido eles violentos ou espontâneos, é impossível deixar de perceber as influências das diferentes culturas que aqui aportaram, contribuindo para a criação de um múltiplo acervo de ritmos, melodias e harmonias que se encontram presentes nas diversas regiões do país. Nesse cenário, destacam-se todas as expressões musicais brasileiras que têm como influência maior as tradições vindas do continente africano com as populações submetidas ao regime escravista que durante praticamente quatro séculos regeu a economia e a sociedade do país.

De acordo com Santos (2012), ainda hoje é difícil assinalar com exatidão a procedência dos elementos africanos presentes em manifestações musicais e festivas como congadas, maracatus, moçambiques, jongos e caxambus, dentre tantos outros, apesar de notar-se maior influência das tradições do tronco linguístico banto, explicada pela grande quantidade de pessoas trazidas das regiões abrangidas por ele para o trabalho escravo na colônia portuguesa na América.

Ao citar a influência da cultura africana na musicalidade brasileira, Lemos afirma que:

No Brasil, existe uma longa trajetória de identificação da população com as sonoridades de matrizes africanas, desde o surgimento do samba e sua posterior associação como ritmo nacional durante a era Vargas, na década de 1930, até as recentes reapropriações das musicalidades africanas por artistas brasileiros contemporâneos. Analisar o modo como se processam esses fenômenos ligados à produção do imaginário acerca de África na produção musical da contemporaneidade é compreender qual a relevância que as diferentes culturas africanas representam hoje para a sociedade brasileira (Lemos, 2013, p. 8).

Segundo Fonterrada (2005), em 1920 o escritor, poeta e musicólogo Mário de Andrade, impulsionado com as ideias nacionalistas do movimento modernista, trouxe um novo enfoque para a música enfatizando sua função social e valorizando a cultura popular. Mário contava com o apoio de Villa-Lobos, que, inspirado compositor húngaro Zoltán Kodály, propôs o canto coral para as escolas e mais tarde instituiu o canto orfeônico nas escolas públicas de todo o país. Procurou-se, nesse período, além da democratização da música, criar uma identidade brasileira. Desse modo, houve um resgate das expressões artístico-populares de todos os cantos do país, que foram levadas para as escolas em forma de canto coral, visto que a voz seria o único instrumento que poderia garantir essa acessibilidade. Foi nesse contexto que, durante o governo de Getúlio Vargas, a música se tornou instrumento de estabilização do Estado, de ordem e disciplina, criando uma consciência nacional. Vargas soube reconhecer o poder da música e aproveitá-la para criar uma boa imagem de si. A intervenção política na forma de ensinar música foi muito criticada; mesmo assim, Villa-Lobos via como uma grande oportunidade de todos terem acesso à música. A esse respeito, destaca-se o pensamento de Souza (1992, p. 13):

A ideia sobre a educação musical na literatura dos anos trinta é muito diferenciada e por vezes contraditórias. Especialmente são colocados objetivos sociopolíticos muito gerais como educação musical a serviço da coletividade e unidade nacional, o despertar do sentimento de brasilidade ou ainda disciplina social, que, no entanto, não são em lugar algum claramente definidos, mas apenas vagamente descritos.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (Lei nº 5.692/71), a Música passou a fazer parte de um ensino interdisciplinar, com base no seu Art. 7º. A partir dessa reforma, a Educação Artística foi introduzida nos currículos escolares de 1º e 2º Graus, trazendo muitas dificuldades para o ensino da Música, bem como para as outras artes (Artes Plásticas e Artes Cênicas), pois o professor de Educação Artística ficou responsável por uma prática pedagógica polivalente. Em consequência, aqueles profissionais que tinham formação na área da Música davam aulas de música e, esporadicamente, pincelavam tentativas com atividades de artes plásticas e artes cênicas. Em compensação, aqueles professores que não tinham formação em música acabavam ministrando aulas apenas nas outras áreas, como aponta Beyer (1993 apud Mateiro, 2000).

Fonterrada (2005) afirma que a tentativa de ampliação do universo sonoro, a expressão musical comprometida com a prática e a livre experimentação eram o discurso da Educação Artística baseada em princípios modernistas, mas que na prática tornou-se apenas espontaneísmo. Assim, sem normas ou planejamento, as atividades eram escolhidas pelos alunos sem preocupação metodológica que os orientasse a partir das suas escolhas, o que contribuiu para baixar a qualidade do ensino da Arte e criar a ideia de que a disciplina não tem conteúdo.

Com a promulgação da nova LDB, em 1996, foi estabelecida a Arte como disciplina curricular obrigatória em todos os níveis da Educação Básica; todavia, deixou livre a escolha da área a ser trabalhada em sala de aula; desse modo, como os professores com formação específica em Música são minoria, ao contrário do que poderia parecer, o ensino da Música mais uma vez foi prejudicado (Fonterrada, 2005, p. 192-259).

Figueiredo (2002, p. 48) reforça que o ensino da Arte, mesmo após se tornar obrigatório pela Lei nº 9.394/96, não garante o seu ensino efetivo, pois a lei pode ser interpretada de várias maneiras; portanto, cantar uma música antes de comer o lanche pode ser interpretado como uma atividade que caracterize a presença efetiva da musicalização na escola.

Ainda nos dias atuais as experiências de ensino da música e demais artes nas escolas brasileiras não foram capazes de estabelecer uma consciência da importância ou da necessidade das artes no desenvolvimento dos indivíduos que frequentam os ambientes escolares e não se pode ingenuamente acreditar que, por causa de um parágrafo da LDBEN, as mudanças de concepção serão imediatamente elaboradas, implementadas e aceitas por uma comunidade desabituada a tal situação. Nem mesmo a menção da música como uma das áreas da Arte nos Parâmetros Curriculares Nacionais foi suficiente para reverter esse quadro; assim, a música esteve praticamente excluída do cenário educacional desde a LDB nº 5.692/71 (Figueiredo, 2002, p. 43).

Como podemos observar ao longo da história da educação brasileira, o espaço cada vez menor destinado ao ensino da música nas escolas veio descontentando e mobilizando os envolvidos na área, que se organizaram em prol da obrigatoriedade do ensino da Música com um manifesto que acabou se transformando em projeto de lei no final de 2006. O projeto tramitou no senado durante o ano de 2007 e início de 2008 e sancionada em agosto do mesmo ano pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Narita, 2009, p. 4-5).

3.A MÚSICA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Atualmente, a fim de conquistar uma aprendizagem significativa e de acordo com as necessidades impostas pela sociedade, torna-se necessária a ludicidade no ambiente educacional, pois ela é capaz de fazer com que o ensino seja mais estimulante. É preciso compreender a importância da presença do lúdico, como um instrumento de superação e inclusão, na escola, pois a cultura lúdica está intrínseca nas crianças. Desde quando chegam à escola, trazem consigo essa grande herança, na medida em que quase tudo que se aprende na infância decorre das brincadeiras produzidas a partir do seu convívio social.

Negrine (1997, p. 4), em estudos realizados sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, afirma que "quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através da atividade lúdica". Sendo assim, a música pode em muito contribuir, tornando o ambiente escolar mais agradável e propício à socialização do grupo, podendo ainda ser usada como instrumento de relaxamento depois de atividades físicas ou como proposta de auxílio meditativo diante da tensão de uma prova, além de ser um poderoso recurso didático.

Conforme Mársico (1982, p. 148) afirma, tarefa primordial da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sociocultural de que provenha.

As aulas nas quais a música se faz presente introduzem a magia dos sons. Nessas aulas, os alunos podem construir instrumentos musicais com materiais sucateados, desenvolvendo a coordenação motora, enquanto se descontraem cantando e se divertindo, uns com os outros.

A música, no cotidiano escolar, pode não somente ajudar as crianças no aprendizado, mas também nos casos de crianças com problemas de relacionamento ou inibição, quando aliada ao movimento de expressão corporal ou às atividades de dança, contribuindo para a adaptação dessas crianças ao meio escolar.

Distintas áreas do conhecimento podem ser estimuladas com a prática da musicalização, pois ela atende diferentes aspectos do indivíduo, desde o físico, o mental, o social até o emocional e o espiritual. Nesse sentido, faz-se necessária a sensibilização dos educadores, a fim de que despertem para as possibilidades da música como recurso didático-pedagógico, favorecendo o bem-estar e o avanço dos alunos em todas as áreas, trabalhando diretamente com o corpo, a mente e as emoções infantis.

A inserção do lúdico na Educação Infantil vai além de estabelecer e implantar currículos ou aplicá-los às crianças, sem nenhum recurso que chame sua atenção. Isso implica uma renovação na formação continuada do professor, pois todo educador necessita estar em constante processo formativo, a fim de sustentar a sua práxis a partir de mudanças e práticas educacionais que facilitem a absolvição e acomodação da aprendizagem realizadas pelo aluno. Para Bréscia (2003, p. 81), “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”.

Desenvolver a musicalidade e a expressão corporal na Educação Infantil é muito importante, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento do corpo, de suas possibilidades e limitações espaciais, temporais e laterais.

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente contribuirão significativamente para a formação das crianças (Estevão, 2002, p. 33 apud Ongaro et al., 2006).

Cunha (1992, p. 13 apud Gariba, 2005) também ressalta a importância da dança dentro do processo de escolarização infantil. Ele afirma: “acreditamos que somente a escola, através do emprego de trabalho consciente de dança, terá condições de fazer emergir e formar um indivíduo com conhecimentos de suas verdadeiras possibilidades corporais-expressivas”.

É necessário salientar que as atividades que envolvem música e dança são, sem dúvida, importantes meios de inserção da cultura e do prazer na escola, julgando que as crianças desta fase (idade-série) já sabem relacioná-las, pois se trata de algo instintivo, vindo do seio materno. Com certeza, perceberão as atividades de música com dança, como possibilidades de brincar e de aprender brincando. É difícil imaginar uma criança que, ao ouvir determinada música, não acabe dançando, já que isso vem de diferentes vivências e situações nas quais os adultos, mesmo sem perceber, acabam demonstrando, trazendo a música e a expressão corporal quando desejam transmitir suas emoções.

Nesse sentido, o trabalho com a música, aliado à dança, pode favorecer o desenvolvimento corporal da criança, combinando movimento e ritmo adequados, de acordo com a estrutura da melodia. Facilitar a so-

cialização, contribuindo para o relaxamento muscular e psicológico da criança, é um dos objetivos dessa prática na escola.

A música tem que ser entendida como uma linguagem e não como uma forma de estratégia para banalizá-la. Tem que mostrar um amplo universo de sons para o aluno. Isso vai ajudá-lo a ampliar seus sentidos, como a visão, o tato e, principalmente, a audição. Nosso propósito com essas aulas não é o de formar músicos profissionais, mas como música é cultura, ela vai despertar nessa pessoa também o senso crítico, fazendo com que esse indivíduo não aceite passivamente todo esse material cultural descartável (Lima apud Laginski, 2008).

A banalização da música no contexto escolar, porque os profissionais da Educação a utilizam apenas como fonte de recreação dos alunos, ignorando a sua riqueza cultural e social. Não é isso que queremos para essa atividade, mas que ela seja um meio de ampliar a linguagem oral e corporal das crianças, de forma inclusiva e não discriminadora.

O ensino efetivo da música vem sendo negligenciado em nossas escolas. Essa situação tende a mudar, com a Lei nº 11.796, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com ela, teremos a obrigatoriedade do ensino musical nas escolas brasileiras, pois propõe que as escolas devem ensinar música dentro de um contexto abrangente e formativo.

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se através deste estudo que as diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas com a prática da musicalização. De acordo com esta perspectiva, a música é concebida como um universo que conjuga expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e facilita a comunicação do indivíduo consigo mesmo e com o meio em que vive. Ao atender diferentes aspectos do desenvolvimento humano: físico, mental, social, emocional e espiritual, a música pode ser considerada um agente facilitador do processo educacional. Nesse sentido faz-se necessária a sensibilização dos educadores para despertar a conscientização quanto às possibilidades da música para favorecer o bem-estar e o crescimento das potencialidades dos alunos, pois ela fala diretamente ao corpo, à mente e às emoções.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Sidirley de Jesus. Ps icomotric idade: educação e reeducação. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretária de Educação Fundamental, 2001.

BRÉSCIA, V. L. P. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

DURAN, M. C. G. Alfabetização: teoria e prática. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/alf-i.php?t=001. Acesso em 01/06/24.

ESTEVÃO, Vânia Andréia Bagatoli. A importância da música e da dança no desenvolvimento infantil. Assis Chateaubriand–Pr,2002. 42f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia)–Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense–CTESOP/CAEDRHS.

FARIA, Márcia Nunes. A música, fator importante na aprendizagem. Assischateaubriand–Pr,2001.40f.Monografia(EspecializaçãoemPsicopedagogia)–CentroTécnico-EducacionalSuperior do Oeste Paranaense–CTESOP/CAEDRHS

GAINZA, V. H. Estudos de Psicopedagogia Musical. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARIBA, C. M. S. Dança escolar: uma linguagem possível na Educação Física. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd85/danca.htm. Acesso em 01/06/24.

LAGINSKI, F. A importância da música na educação. Disponível em: http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/320514/. Acesso em 01/06/24.

MÁRSICO, L. O. A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

NEGRINE, A. S. Aprendizagem e desenvolvimento infantil a partir da perspectiva lúdica. Revista Perfil, v. 1, n° 1, p. 04-12, 1997.

ONGARO, C. F.; SILVA, C. S.; RICCI, Sandra Mara. A importância da música na aprendizagem. Disponível em: http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/music.pdf. Acesso em 01/06/24.